

# Argumentação e Linguagem

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Argumentação e Linguagem

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408  1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  CDD 469.8
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUACIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>114</b>
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
<a href="#">Daniel Padilha Pacheco da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3031914089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>133</b>
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
<a href="#">Cristina Corral Esteve</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>146</b>
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
<a href="#">Shayra Brunna Silva Marques</a>	
<a href="#">Ana Claudia Menezes Araujo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>157</b>
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
<a href="#">Débora Racy Soares</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>164</b>
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luana de França Perondi Khatchadourian</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>175</b>
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Patrícia Helena da Silva Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>189</b>
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
<a href="#">Márcio Moreira Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>199</b>
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
<a href="#">Maria de Lourdes Rossi Remenche</a>	
<a href="#">Ana Paula Pinheiro da Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140816</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>211</b>
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.30319140817	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>223</b>
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.30319140818	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>235</b>
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.30319140819	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>248</b>
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hériclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140820	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>260</b>
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140821	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>267</b>
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140822	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>277</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>278</b>

## MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE

**Francisco Heitor Pimenta Patrício**

Universidade Regional do Cariri - URCA  
Missão Velha - Ceará

**Cícero Hériclis Ângelo Pereira**

Universidade Regional do Cariri - URCA  
Missão Velha - Ceará

**Josilene Marcelino Ferreira**

Universidade Regional do Cariri - URCA  
Missão Velha - Ceará

**RESUMO:** Este trabalho procura discutir a relação entre a construção histórica do padrão de masculinidade e sua representação na literatura. Inicialmente, buscamos discorrer sobre os estudos a respeito das relações de gênero e posteriormente as pesquisas sobre masculinidade e suas relações de dominância. Para isso utilizamos os teóricos Bourdieu (2012) e Bento (2015), além de outras pesquisas bibliográficas a respeito dessa discussão. Com base nessas teorias, usamos os personagens Carlinhos, da obra *Menino de engenho* (2004) e Rodrigo Cambará, do livro *O continente* (1999), por meio de análise literária, para entender e explicitar como a sociedade condiciona comportamentos padronizados tanto para homens como para mulheres, da infância à vida adulta. Buscamos também, compreender as consequências dessa imposição naturalizada

de comportamento, expondo situações em que os personagens apreendem socialmente o modelo a eles imposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Masculinidade, Sociedade, Gênero.

### MASCULINITY IN LITERATURE: AN INHERITED HISTORY SOCIALLY

**ABSTRACT:** This paper seeks to discuss the relationship between the historical construction of the masculinity pattern and its representation in literature. Initially, we sought to discuss the studies about gender relations and later the research on masculinity and its relations of dominance. For this we use the theorists Bourdieu (2012) and Bento (2015), as well as other bibliographical research about this discussion. Based on these theories, we used the characters Carlinhos, from the work *Menino de engenho* (2004) and Rodrigo Cambará, from the book *O continente* (1999), through literary analysis, to understand and to make explicit how society conditions standardized behaviors for both men and women, from childhood to adulthood. We also seek to understand the consequences of this naturalized imposition of behavior, exposing situations in which the characters socially apprehend the model imposed on them.

**KEYWORDS:** Literature, Masculinity, Society, Gender.

## 1 | INTRODUÇÃO

O gênero masculino, ao longo do tempo, foi permeado por restrições de comportamento ligadas aos seus sentimentos e vontades e suas formas de expressar emoções, como o próprio medo, a dor, a tristeza e o carinho. Essas restrições enrijeceram e moldaram o comportamento masculino, dando-nos a percepção de uma figura imbatível e inalcançável. Todas essas questões, ligadas à eterna luta em reforçar a ideia de “sexo forte” se afastando o máximo possível do “sexo frágil” atribuído às mulheres.

Todavia, esse padrão resultou em um comportamento dominador, que exclui mulheres e, conseqüentemente, os homens que não se encaixavam nesse arquétipo. Nessa perspectiva, esse artigo busca investigar as causas sociais de existir um modelo tradicional de masculinidade, que desempenha o papel de dominante, e como é representado na literatura, por meio dos personagens que se enquadram no papel de masculinidade normativa determinada pela sociedade. Buscando encontrar, particularmente, sinais dessa “educação masculinizada” nas crianças, por meio do personagem Carlinhos, de *Menino de engenho* (2004), e como esse modelo é exprimido já na fase adulta, tendo como exemplo o Capitão Rodrigo Cambará, de *O Continente* (1999). Buscamos também, investigar como os estudos de gênero explicam as relações sociais que condicionam esse padrão comportamental, que é perpetuado pela sociedade.

Para tanto, nos propomos a analisar, por meio de pesquisas bibliográficas, os personagens Carlinhos, da obra *Menino de engenho* (2004) e Capitão Rodrigo Cambará, do livro *O Continente* (1999) sob a perspectiva de Bento, com o livro *Homem Não Tece a Dor* (2015) e de Bourdieu, com o livro *A Dominação Masculina* (2012). Além de utilizar teorias que surgiram a partir dos estudos de gênero, que tinham o intuito de estudar as causas e conseqüências da relação de dominação entre os homens.

## 2 | A IDEIA DO MASCULINO COMO IDEAL DE SER

Em nossa sociedade, o gênero é visto precipitadamente de forma binária, ou seja, o nosso gênero é definido pela categoria de homem ou mulher, relacionando o social com o biológico. Assim, um homem só é homem porque possui o órgão genital, pênis, com isso, precisa externar sua masculinidade de acordo com comportamentos pré-estabelecidos pela sociedade, para ser mulher, precisa possuir o órgão genital vagina, e expor sua feminilidade (gostando de homem, por exemplo, ou sendo uma bela dona de casa). Bourdieu (2012, p.23), sobre a construção dos gêneros sociais, afirma:

[...] a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças.

Portanto, tudo que fugir desse panorama está em discordância com as normas estabelecidas de gênero e, por conta disso, está sujeito a diversas formas de violência, realizada principalmente, pelo homem, elemento dominador em nossa sociedade.

O conceito de gênero, em nosso contexto, é fluido e ainda não tem uma especificidade, entretanto, o uso desse termo nos permite abandonar explicações como o determinismo biológico para explicar a grande diferença das relações comportamentais, sociais e culturais entre homens e mulheres, e já que é cultural, é construção humana. Toda construção social humana é baseada no pensamento dos dominantes. Por isso que o objeto de análise dos estudos de gênero está em perceber que as categorias de ‘homem’ e ‘mulher’ não devem ser entendidas como categorias estáveis, mas sim como perguntas: o que é ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, e ainda, por que o masculino e feminino estão inseridos nessas categorias binárias sem possibilidade de fluidez?

As dicotomias, masculino x feminino, são mais que apenas características possuídas naturalmente por homens e mulheres, esses produtos são frutos de um longo trabalho social que foi difundido não só nos lares, mas também por instituições de poder como o Estado e as escolas, geralmente apoiadas em uma ideia dos papéis atribuídos a cada um de acordo com as funções sociais. Dessa forma, isso sugere que devemos pensar na construção da masculinidade

como um projeto [...] perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas. Esses projetos envolvem encontros complexos com instituições (tais como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo). (CONNELL, 1995, p. 190 apud BENTO, 2015, p. 45).

Segundo Bourdieu (2012, p.15), “como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina”. Dessa forma, precisamos entender que nossa visão sobre masculino e feminino, são elas próprias, produtos da dominação (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Por muito tempo, acreditou-se que as diferenças entre os sexos eram determinadas por características biológicas, assim, o masculino e o feminino estão sempre ligadas ao corpo e, principalmente, ao sexo. Sobre isso, Bourdieu (2012, p.20) explica:

[...] A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Neste sentido, o corpo do homem era visto como modelo de perfeição, a sua anatomia era tida como modelo e o corpo da mulher era uma cópia inferior e invertida de todos os atributos do homem. Dessa maneira, as relações entre sexo, reprodução e orgasmos eram todas seguidas de acordo com o modelo. Entretanto, a teoria do corpo

perfeito foi erradicada, e oposição entre masculino e feminino foram justificadas sob uma visão política-ideológica. Essas diferenças estavam de acordo com as opiniões da sociedade burguesa e nacionalista europeia, que atribuíram ao homem todas as atividades ao mundo social e político, enquanto para as mulheres, eram designados os afazeres de casa.

Dessa forma, ‘ser homem’ era possuir qualidades masculinas, que por sua vez, era possuir características que fossem contra as características femininas do ‘ser mulher’. A partir do século XIX, com essa concepção, o panorama político, social e cultural que moldava as relações entre masculino e feminino, passaram a buscar tudo que estava fora da denominação de feminino, e buscavam sempre reforçar o seu ‘sexo forte’ sobre o ‘sexo frágil’. O masculino, depois da necessidade de se afirmar como homem, passou a impor ainda mais seu poder sobre o feminino, reforçando as barreiras sociais existentes entre os dois.

### 3 | A CONSTRUÇÃO DO “SEXO FORTE”

O indivíduo se depara, ao nascer, independentemente do gênero, com um ambiente, normatizado por uma cultura patriarcal, onde todas as ações comportamentais e psicológicas estão no eixo de dominação do homem. Este, que carrega os privilégios demandados desse sistema regido pela assiduidade das práticas rudimentares, é o responsável pela repassagem dessas práticas aos menores, fazendo com que saibam que precisam alcançar a imagem de dominador viril na fase adulta, para serem respeitados.

Essa imagem é conquistada através de um processo restrito de socialização, cujas relações sociais são restringidas por sexo, ou seja, espaços dedicados à disseminação dos estigmas em relação aos modelos masculino e feminino. Espaços esportivos, em grande maioria, ainda são determinados como pertencentes aos homens, por exemplo, logo são adequados para a transmissão de comportamentos a serem praticados e quais devem ser repudiados. A partir disso, o garoto criará a noção de que ele deve seguir a risca tudo o que esse círculo impõe. Qualquer distanciamento dessas práticas resultará na aproximação do jovem aos traços qualificados como femininos, podendo levá-lo a entrar, futuramente, na esfera do dominado. Segundo Welzer-Lang (2001, p.465),

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal.

Desse modo, o grau de submissão é que determina o nível de distanciamento do garoto sobre esse modelo, tendo consciência que o maior número de práticas apreendidas durante seu desenvolvimento o deixará mais distante do inimigo dos homens, a feminilidade. As mulheres são as detentoras desse mal temível, pelos que

desejam alcançar a sagrada virilidade, cujas características, causam aversão aos mais másculos. Em detrimento disso, a mulher carrega traços como os da passividade e da sensibilidade. Dentro desses estereótipos, as mulheres são permitidas expressarem seus sentimentos sem correr risco de serem advertidas socialmente, já o contrário acontece quando elas se permitem desfrutar de prazeres sexuais, por exemplo. Essa visão parte da pressuposição de um sistema que estabelece as condições das mulheres a partir das rejeições que o patriarcado fez para obter seu ideal de homem. Sendo assim, homens são extremamente ridicularizados ao demonstrarem suas emoções, ou caso eles decidam dispensar prazeres sexuais.

No processo de perpetuação desse sistema hierárquico, o patriarcado conta com ajuda não só de pais e irmãos mais velhos que irão garantir que seus filhos e irmãos mais novos sigam um ideal do que é “ser homem” e o que é ser viril, mas também com a ajuda de instituições, que irão fazer com que todos lembrem, inclusive as mulheres, quais são seus valores. Ou seja, em grande parte do que se ouve, lê e assiste reflete uma sociedade condicionada a aceitar o poder perigoso que é a imposição do modelo masculino. Toda essa construção em torno das relações de gênero causa uma visão de mundo, na qual mulheres e homens que fogem dos estereótipos designados são marcados psicologicamente e fisicamente pela sociedade.

Toda essa atmosfera de normalidade criada e mantida no núcleo da sociedade, em se tratando dos hábitos que fazem parte desse modelo de dominação do masculino e da subordinação do feminino, é que faz com que, até os dias de hoje, situações de violência ainda sejam suavizadas por ser algo que se pode esperar do dominante sobre o dominado. Esse quadro de suavidade começa a mudar quando o dominado passa a refletir sobre suas atuações sociais perante o bom discípulo da virilidade. E é com movimentos como o feminismo que a reflexão sobre essas questões de gênero começa a eclodir, fazendo com que o oprimido questione sua posição e as atitudes tomadas pelo seu opressor, percebendo que esse modelo não é um mecanismo individual, mas que é sistemático. Esse sistema, historicamente criado e culturalmente repassado, ensina, mesmo que indiretamente, a censurar qualquer divergência ao que foi padronizado. Esse questionamento por parte do subordinado alcança mais espaço a partir do momento que aquele que oprime começa a refletir também sobre suas práticas, que em sua maioria não são percebidas. Justifica Bourdieu (2012, p.106),

Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar.

Em virtude desse movimento, começa a explicitação e as tentativas de rompimento das pautas que indicam toda a desigualdade de gênero entre homens e mulheres criada pela teoria do determinismo biológico, a qual se encarrega de delimitar tarefas econômicas, domésticas e sociais tendo em vista os órgãos genitais do indivíduo.

Dentro dessa teoria, de cunho patriarcal, é notório que o homem detém poder de todos os privilégios.

#### 4 | DE CARLINHOS A RODRIGO: UMA HISTÓRIA DE SOCIALIZAÇÃO DO CORPO

Na construção do masculino, a infância é a etapa na qual a criança faz a assimilação dos paradigmas criados culturalmente em torno das relações de gênero. Tendo isso em vista buscamos investigar, na infância do personagem Carlinhos, de *Menino de engenho* (2004), de José Lins do Rego, padrões que mostrem que nós, como atores sociais, somos condicionados a agir de acordo com normas estruturadas historicamente.

A obra narra a história do personagem Carlinhos, livremente baseada em algumas memórias do autor José Lins do Rego, que viveu sua infância no engenho. Na narrativa, o personagem passa a viver no engenho após o assassinato de sua mãe, cometido pelo pai. Estando no engenho, Carlinhos passa a ter maior contato com seu avô, que passa a ser, para ele, um exemplo de homem, com sua tia Maria, que é a presença feminina que tenta suprir o espaço deixado pela mãe, além de conviver com os ocupantes do engenho. É nesse contexto que Carlinhos “aprende” a ser homem.

A chegada do menino ao engenho não foi tranquila, logo de início a personagem Galdina comenta sobre como o menino se parece com a mãe, o que acaba levando-o ao choro. Na tentativa de acalmá-lo, Maria, que a partir de então, procura atuar como figura materna na vida do sobrinho, acaba proferindo em meio a sua fala “Agora vou ser a sua mãe. Você vai gostar de mim. **Vamos, não chore. Seja homem**” (REGO, 2004, p. 39) uma expressão culturalmente muito utilizada, mesmo que de maneira inconsciente, para reprimir um menino que esteja produzindo um comportamento contrário ao que se espera de alguém do sexo masculino, já que “Um das marcas distintivas da masculinidade é a ausência de choro, ou qualquer manifestação do corpo que demonstre sensibilidade” (BENTO, 2015, p.113), característica atrelada à feminilidade. Isso mostra como a fala da personagem reflete, inconscientemente na obra, o discurso cristalizado e reproduzido na sociedade. Importante considerar que na época do autor e da obra, as discussões sobre gênero ainda não estavam em plano de debate na sociedade.

Outro ponto a ser comentado na construção do personagem é a liberdade em relação ao território do engenho. Essa autonomia que é notavelmente garantida a todo indivíduo que pertença à esfera do masculino, a qual não parece estabelecer limite à presença do homem no âmbito social. Assim, Carlinhos passou a frequentar lugares onde só a figura masculina estivesse presente, primeiramente com os outros meninos.

[...] Tinham chegado para passar um tempo no engenho uns meus primos, mais velhos do que eu: dois meninos e uma menina. Agora não era só com os moleques que me acharia. Meus dois primos, bem afoitos, sabiam nadar, montar a cavalo no osso, comiam tudo e nada lhes fazia mal. Com eles eu fui aos banhos proibidos,

os do meio-dia, com a água do poço esaldando. E então nós ficávamos com a cabeça ao sol, enxugando os cabelos, para que ninguém percebesse as nossas violações. (REGO, 2004, p. 43)

É na presença do personagem Zé Guedes, que exterioriza suas experiências sexuais com mulheres sem nenhum pudor, que Carlinhos começava a refletir sobre sexualidade.

O OUTRO MESTRE que eu tive foi o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim. Levava-me e trazia-me da escola todos os dias. E na meia hora que estava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros. (REGO, 2004, p.63)

Zé Guedes (REGO, 2004, p.64) também mostra como a prática sexual costuma estabelecer uma relação de dominação do homem sobre as mulheres, quando conta a Carlinhos sobre as intimidades de seu tio com uma mulher negra do engenho “Aquele ali já foi passada. Quem manda nela é o doutor Juca. E eu ia sabendo que meu tio Juca tinha mulatas em quem mandava”. É através dessas evidências involuntárias, que surge no garoto a necessidade de reproduzir o comportamento do outro a ponto de assemelhar-se, visando a tão desejada iniciação na casa-dos-homens e enxergando a mulher como objeto sexual e, conseqüentemente, de posse.

Como reflexo de naturalidade desses comportamentos em torno do gênero masculino, a iniciação, mesmo que precoce, nas relações sexuais estabelece uma condição de respeito ao indivíduo, já que isso corresponde às expectativas do sexo masculino. Ainda criança, ele se relaciona com uma mulher e faz uso da posição de homem ao se referir à situação “tinha uns 12 anos quando conheci uma mulher, como homem.”

Como fruto dessa relação com Zefa Cajá, Carlinhos adquiriu uma doença venérea, que passou a ser exibida como sinal de sua altíssima virilidade conquistada aos 12 anos de idade. “E comecei a envaidecer-me com a minha doença. Abria as pernas, exagerando-me no andar. Era uma glória para mim essa carga de bacilos que o amor deixara pelo meu corpo imberbe. Mostravam-me às visitas masculinas como um espécime de virilidade adiantada.” (REGO, 2004, p. 130)

São muitos os homens que participam na construção da masculinidade do personagem Carlinhos, mas é o seu avô que se fixa como modelo de homem ao qual ele quer ser comparado quando crescer. Essa visão se deve a relação de poder que o dono do engenho estabelece dentro de todas as esferas sociais e econômicas. E, dentro de uma sociedade culturalmente enraizada no patriarcado, nada é mais visível no modelo tradicional da masculinidade do que a dominação no contexto público e privado.

Empiricamente [...] sabe-se que, para um homem, o fato de ser visto com “belas” mulheres classifica-o como “Grande-homem”, o que também acontece com aquele que tem dinheiro e/ou poder manifesto sobre homens e mulheres. Todos os homens, que aceitam os códigos de virilidade, e têm ou podem ter poder sobre as mulheres (o que ainda deve ser quantificado); alguns entre estes (chefes, Grandes-homens de todos os tipos) têm também poder sobre os homens. É verdadeiramente neste

Somos frutos de toda a nossa vivência, condicionada em regras sociais, vítimas de um sistema de ações. Somos uma consequência de todas as regras, padrões e formas de pensar, tanto que agimos seguindo padrões mesmo sem perceber, nossa consciência age segundo nossas construções. Assim, “pensar na consciência e a autoconsciência como elementos constitutivos do ser [...] implica reconhecer que este não fala por si, mas constrói seu discurso, seu pensar, a partir do outro, das regras do meio no qual se inserem e convivem”. (MICHALISZY; TOMASINI, 2012, p.24)

É nessa linha de pensamento que buscamos analisar o personagem Rodrigo Cambará, que é destaque no livro *O continente* (1999), da série *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. Iremos tratar de seu comportamento aceitando a sua condição machista, patriarcal e controladora, como sendo resultado de uma imposição social, condicionada por determinações impostas ao gênero, em uma sociedade acostumada com essas predeterminações, já que apontar tais comportamentos “não significa culpar os homens pela dominação, mas interpretar como as diferenças entre os sexos são construídas, valorizadas e hierarquizadas em contextos históricos e sociais específicos.” (BENTO, 2015. p.82) Vale salientar que a história é ambientada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, no ano de 1800, dessa forma, como diz Bento (2015, p.11) “estamos falando de membros de um segmento social específico, portadores de visões de mundo específicas, integrantes de uma geração também específica,” quando a sociedade não pensava a respeito das desigualdades de gênero, achando naturais aquelas formas de abuso.

Dessa forma, a imagem de Rodrigo foi construída em torno do ideal de masculinidade, imposta ao sexo masculino, justificando essa superioridade por meio do biológico. Investigaremos assim, a construção do personagem, particularizando certos pontos na descrição de sua aparência, na forma como as pessoas aceitavam a condição da personalidade do personagem e como ele se comportava em relação a sua esposa, Bibiana Terra.

Rodrigo Cambará apareceu na cidade de Santa Fé, cidade na qual acontece a história, como um homem de idade mediana, 30 anos, sem ninguém saber ao certo de onde vinha e nem para onde ia, “com seu chapéu de babichado puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida e aquele olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas” (VERISSIMO, 1999, p. 171). A estética do macho forte é extremamente valorizada em sua descrição e vemos em Rodrigo o retrato do ideal condicionado socialmente, todas as características do **corpo socializado** do personagem, os movimentos, deslocamentos, falas, modos, são associados ao masculino.

Na concepção de Bourdieu (2012, p. 16), o forte, o rijo, o claro, o seco, o duro, todos fazem parte de parâmetros socializados da visão dos gêneros, que, segundo o autor, contribuem para que esses pensamentos, que se aplicam universalmente,

perceptíveis na subjetividade de tais características, fazem permanecer e ao mesmo tempo naturalizar o julgamento baseado em características biológicas, naturalmente iguais em aparência, já que, para ser perpetuo, a sociedade precisou tornar as “qualidades” dos homens e os “defeitos” das mulheres algo nascido e sem escapatória.

Ainda sobre essa legitimação das relações, Bourdieu (2012, p.18) afirma: “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Rodrigo, em uma de suas conversas com o pároco da cidade, um de seus mais caros amigos, para reafirmar a sua condição de macho, fala: “na minha família, quase ninguém morre de morte natural. Só as mulheres, e mesmo assim, nem todas. Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há até um ditado: ‘Cambará macho não morre na cama.’”

É nesse contexto que podemos particularizar o relacionamento de Rodrigo com os outros habitantes da cidade, percebemos que homens e mulheres são condicionados a ver o “homem” como o poderoso naturalizado. Podemos “pensar que a estrutura hierárquica e assimétrica de gênero faz parte de um projeto social o qual homens e mulheres estão envolvidos na reprodução do modelo hegemônico” (BENTO, 2015, p.10) é a partir desse envolvimento que começamos a aceitar certos comportamentos. Ainda sobre nossa posição em relação a esses arquétipos, Berenice fala:

Acredito que pensar relacionalmente a construção das identidades de gênero não deve limitar-se a tratar tal relação única e exclusivamente entre homens e mulheres, mas tentar pensar como cada um dos gêneros constrói suas identidades nas relações que estabelecem com os membros do próprio gênero. (BENTO, 2015, p.19)

Em sua vivência na cidade, o comportamento de Rodrigo é visto de forma paradoxal por nós, leitores, já que o personagem não é visto como modelo de “homem de família” pelos habitantes da cidade, ao mesmo tempo em que desempenha o papel dado a ele ao nascer, de ser forte, valente, aventureiro e principalmente viril, já que, a virilidade é uma das principais formas de reafirmar a masculinidade. Reafirmar por ser construída sempre sob o medo de perdê-la, e por precisar de perseverante manutenção. Segundo Bourdieu (2012, p.20),

[...] a virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qualidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc.— que são esperadas de um homem que seja realmente um homem.

Ainda relacionado a seu relacionamento com o pároco da cidade, Rodrigo sempre o mostra as suas razões por não participar de uma religião, já que, como ele diz, “no céu não tem jogo nem bebida nem baile nem mulher. Se é assim, prefiro ir pro inferno” (VERISSIMO, 1999, p. 204). Esse comportamento de liberdade e de vontade de viver intensamente, que Rodrigo preza tanto, não é uma realidade conquistada,

mas sim uma condição por ser homem, faz parte da visão condicionada a esse gênero, o que nos leva a pensar na condição que fez com que Rodrigo pensasse dessa forma. Ao falar de sua criação, Rodrigo confessa:

Me criei guaxo. Não conheci mãe. Com doze anos já trabalhava no campo com a peonada bem como homem feito. Com dezoito tinha sentado praça e já andava brigando com os castelhanos. Daí por diante sempre vivi ou brigando ou correndo mundo [...] nunca aprendi nenhuma reza nem me habituei a ir à igreja (VERISSIMO, 1999, p. 206).

Bento (2015) defende que a “afirmação de Simone de Beauvoir, que ‘ninguém nasce mulher, torna-se mulher’, é apropriada pelos estudos sobre os homens que, ao tentar mostrar que ‘ninguém nasce homem, torna-se homem’, busca desconstruir uma definição assentada nos aspectos fixos, biológicos, de uma natureza masculina”. Desmembrando essa afirmação, podemos captar as ações das personagens levando em conta a sua condição como sendo sua essência de homem, nascido e construído para agir de determinada maneira.

A conduta de Rodrigo com Bibiana também é marcada por incessante relação de abusos de autoridade, além da “objetificação” do seu corpo, o desejo de Rodrigo de ter filhos também acaba transformando Bibiana, após o casamento, da categoria “esposa” em “mãe”. (BENTO, 2015)

Um dos primeiros sinais da forma como Rodrigo perpassa os valores por ele apreendidos, em relação ao tratamento dado ao sexo oposto, é explicitado depois de alguns dias vivendo no povoado, e já muito atraído por Bibiana, ele começa a expor seus desejos, desejos de “possuir” seu corpo e de ter o amor da personagem.

Rodrigo via em pensamentos a imagem de Bibiana: a boca carnuda, os olhos oblíquos. Parecia uma fruta; dava na gente vontade de morder aquela boca, aquelas faces, aqueles peitos. Naquele momento seu desejo por Bibiana confundia-se com uma sensação de fome e Rodrigo começou a pensar alternadamente na rapariga e num churrasco (VERISSIMO, 1999, p. 200)

Depois de alguns meses na cidade, o personagem consegue casar com Bibiana, completando assim o modelo hegemônico de homem que “exalta a virilidade, a posse, o poder, a violência, a competitividade” (BENTO, 2015, p. 91) A partir desse momento, o comportamento de Rodrigo se transforma. A sua relação com a esposa torna-se cansativa, já que este, não estava acostumado com uma vida mais calma

[...] de repente – quase num susto – sentiu-se mais gordo, menos enérgico, um pouco molenga. Fazia tempo que não brigava, que não se movimentava. Aquela vida de balcão, que lhe enferrujava os membros, era de matar qualquer cristão de aborrecimento. Por que se tinha ele metido naquilo? (VERISSIMO, 1999, p. 266)

Dessa forma, o personagem começa a adquirir alguns hábitos, como traição, jogo com apostas, deixando Bibiana a margem de sua vida, fazendo-a entender o significado de “ser mulher”, muito mais preso, naquela época, entretanto, não iremos nos deter a perspectiva da mulher, pois enveredaríamos por caminhos que não são nosso objetivo. Esses hábitos de Rodrigo, em nenhum momento são criticados,

primeiramente pelo autor, depois pelos outros personagens, nem mesmo Bibiana o critica, chegando a romantizar o comportamento do personagem, alegando que apesar de tudo, ele continuava com ela.

Para Bibiana, os trejeitos de Rodrigo, compunham uma personalidade encantadora. Segundo ela,

Rodrigo não sabia fazer nada com calma e jeito. Não punha um objeto em cima da mesa: atirava-o. Quando se despia, à noite, jogava as roupas para todos os lados. Não sabia beber um gole d'água ou de vinho devagar: tomava-o em goles largos, fazendo muito ruído e no fim estralando os beiços. Até mesmo no sono continuava fazendo barulho: seu ressonado era pesado e muitas vezes no meio da noite ela ouvira Rodrigo enquanto dormia (VERISSIMO, 1999, p. 252)

Essas características foram adquiridas pelo desejo, construído socialmente, de proteger a masculinidade, afastando-se de tudo que é tido como feminino, pela sociedade. Dessa forma, como afirma Bento (2015, p. 96) “ser homem significa ‘não ser como as mulheres’. Esta noção de anti-feminilidade reside no centro das concepções de masculinidades, de modo que a masculinidade é definida pela negativa: ser homem é não ser mulher.” Portanto, como feminino também é sinônimo de fraqueza

[...] a masculinidade torna-se uma eterna busca para se demonstrar sua conquista, para provar aos outros o impossível de se provar. O homem tem medo de assumir inseguranças e dúvidas porque, se o fizer, pode ser julgado como sendo um fraco. (BENTO, 2015 p. 95).

Portanto, como disse o Padre Lara (VERISSIMO, 1999, p. 304) o Capitão Rodrigo era um homem impossível, no qual percebemos marcas profundas da socialização do seu sexo a qual foi imposto um modo de vida já pronto, ao nascer. Ensinado assim, a ter medo de não ser tão homem quanto deveria ser, “sua emoção dominante é o medo. Medo em ser confundido com mulher, medo que os outros homens percebam a sensação de insuficiência.” E para proteger sua reputação e a dos outros homens, perpassa os mesmos conceitos e ensinamentos que o tornaram vítima da própria dominação.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos personagens e da pesquisa bibliográfica, concluímos que a literatura, com sua capacidade de representar a realidade, contribui de forma clara e objetiva na evidenciação do modelo hegemônico de masculinidade. Vale ressaltar, que os autores, por serem membros da sociedade e por ela moldados, não fogem dos arquétipos sociais. Assim, de forma inconsciente, esses autores acabaram reproduzindo, por meio de suas obras, discursos heteronormativos.

E é por tais discursos que a análise explicita que a construção social dessa hegemonia masculina é fruto de um processo operado coletivamente sobre o indivíduo, descartando a possibilidade de um olhar na perspectiva de uma constituição individual e consciente a respeito da masculinidade e de suas imposições.

Mediante o comportamento dos personagens tanto no espaço público, quanto privado foi possível fazermos um paralelo com a sociedade contemporânea e constatar que as formas de condicionamento para a aquisição desse ideal de masculinidade continuam acontecendo, mas com todo o avanço dos estudos de gênero torna-se possível enxergar e apontar discursos e comportamentos que caracterizam a opressão como a parte essencial que mantém a cultura patriarcal interferindo no comportamento social. Assim, mulheres, e homens desviantes desse modelo, continuam sendo estigmatizados com o status de dominados.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixa e perplexidades masculinas/ Berenice Bento. - 2.ed. –Natal, RN: EDUFRN, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18985/1/Homem%20n%C3%A3o%20tece%20a%20dor%20-%20Berenice%20Bento.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: <<http://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1577826>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BORIS, G.D.J.B.; BLOC, L.G.; TEÓFILO, M.C.C. Os rituais de construção da subjetividade masculina. **O público e privado**. n. 19, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=334&path%5B%5D=498>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 86. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento** – o continente I. 40. ed. São Paulo: Globo, 1999.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

### C

Contemporâneo 42, 53

### D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

### E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

### G

Gênero 35, 205, 248

### L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

### M

Masculinidade 248

### O

Oralidade 85

### P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

## **R**

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

## **S**

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

## **T**

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-530-3

